



**MUNDO
DE MÚSICAS**

**25 VOZES
QUE MUDARAM
A HISTÓRIA
DA MÚSICA**

mundodemusicas.com



INTRODUÇÃO

“Quem Canta Seus Males Espanta” (ditado popular)

A forma mais antiga da frase famosa citada em cima é encontrada no livro **Geórgicas** de **Virgílio**, escrito entre 37 e 30 a.C. Na versão original ela diz: “*quem chora ou canta fadas más espanta*”. A palavra “espanta” vem do latim “expaentare”, uma derivação de “expaventare” que significa assustar. Não se sabe ao certo como a frase encurtou, mas acredita-se que tenha sido por causa de Dom Quixote, o personagem de Miguel de Cervantes, que dizia: “*quien canta sus males espanta*”. Vem isto a propósito do **E-Book 25 Vozes Que Mudaram A História da Música** que tem nas suas mãos. Também a equipa do **Blog Mundo de Músicas** acredita que a expiação das nossas maleitas pode ser efectuada através da música e do canto. Porquê?

A voz humana é incrível. Basta pararmos uns segundos para pensarmos em tudo o que conseguimos fazer com a nossa voz: falar, rir, chorar, gritar e até mesmo cantar. Sem a voz, a música que ouvimos hoje seria apenas um conjunto de acordes, harmonias e notas musicais ritmadas provocados por instrumentos.

Já se imaginou a viver num mundo onde a música e a voz não funcionam juntos? Tudo aponta que a música, considerada como a arte mais antiga e primitiva de todas, tenha andado de mãos dadas com a voz desde o seu princípio. Nos dias dos homens das cavernas os sons percussivos e musicais extraídos de pedras e madeiras eram acompanhados por vocalizações para atraírem animais de caça. Na Idade Média, pela voz dos trovadores, a música começou a ser vista como um meio de entretenimento e uma forma de arte (embora já o fosse há séculos). Hoje, a música une de forma indelével as pessoas, anda sempre connosco e com ela estão as vozes dos nossos artistas favoritos.

Para relembrar a importância da voz e dos males espantados através do canto decidimos apontar 25 cantores e cantoras que na nossa opinião mudaram a história da música. A seleção foi orientada por diferentes critérios, quer pelas características únicas que marcaram certas vozes, quer pela forma como essas mesmas pessoas foram responsáveis por dar forma a algumas das canções mais célebres do mundo, ou até pela inspiração e mudanças que provocaram na sociedade. Estamos conscientes de que fazer qualquer lista deste género é uma tarefa ingrata e será sempre inevitavelmente redutora. Se alguns

dos artistas que constam nas páginas que apresentamos a seguir são consensuais, outros igualmente muito importantes e relevantes não estão presentes, como são os casos gritantes de Ella Fitzgerald, Amália Rodrigues, Édith Piaf, Bob Dylan, Elis Regina, John Lennon, Paul McCartney ou Freddie Mercury.

O nosso objetivo é simplesmente apresentar as vozes mais importantes de diferentes épocas e que, por si só, tenham retratado de forma genial o género musical do qual faziam parte. Mas estamos abertos a críticas ou sugestões para futuros E-Books editados pelo Blog Mundo de Músicas. Para facilitar a descoberta ou reavistagem destas vozes apresentamos igualmente 4 discos emblemáticos de cada artista. Basta clicar na imagem para ver mais detalhes sobre cada álbum. O nosso convite é muito simples: coloque o seu disco favorito a tocar e deixe-se levar pelas páginas do E-Book com as histórias de algumas das vozes mais marcantes da música. Procuramos revelar também um pouco das influências que estiveram na origem do trabalho de personalidades tão fascinantes, descortinando porque razão estes artistas nos assustaram, espantaram e emocionaram de forma tão poderosa ao longo do tempo.

Para relembrar a importância da voz e dos males espantados através do canto decidimos apontar 25 cantores e cantoras que na nossa opinião mudaram a história da música.



Aretha Franklin



ARETHA FRANKLIN É NADA MAIS NADA MENOS DO QUE A RAINHA DA SOUL. E O TÍTULO É, SEM DÚVIDA, MERECIDO: AFINAL, QUEM NÃO SE LEMBRA DA VOZ DE MÚSICAS COMO “RESPECT”, “FREEWAY OF LOVE” E “I SAY A LITTLE PRAYER”?

Recentemente, a artista surpreendeu o mundo numa atuação ao vivo no programa Late Show de David Letterman, onde cantou “Rolling in the Deep”, de Adele. E este não será seguramente o fim de uma longa carreira daquela que foi a primeira mulher a fazer parte do Rock and Roll Hall of Fame.

Tudo começou na cidade de Memphis, Tennessee (EUA). Em 1942 nascia **Aretha Franklin**, a quarta de cinco crianças, filha de um padre batista e de uma cantora gospel. A influência da música esteve sempre presente: desde cedo começou a cantar e a tocar piano. O talento natural era tão grande que **Aretha Franklin** chegou mesmo a gravar alguns álbuns com influências maioritariamente gospel nesse período. Com apenas 14 anos, **Aretha Franklin** já andava na estrada. Cruzando-se com vários artistas, a jovem cresceu muito rápido: com 15 anos foi mãe pela primeira vez, e aos 17 tinha já o seu segundo filho. As pausas para a maternidade não a impediram de voltar a cantar. E seguia com devoção alguns dos seus ídolos, como Sam Cooke e Dinah Washington, a quem, aliás, dedicou um álbum de tributo.

Posteriormente, numa viagem a Nova Iorque com o pai, assinou o seu primeiro contrato com a Columbia Records. Em 1960 editou o seu primeiro single, chamado “Today I Sing the Blues”. Os anos que se seguiram foram de muito sucesso. Ainda que rodeada por outros grandes artistas com quem colaborava, **Aretha Franklin** destacava-se com naturalidade, fazendo impor a sua voz tremenda. Os anos da aclamação geral chegaram em 1967 e 1968. Foi por esta altura que se deu o lançamento de “Respect”, a versão do tema

original de Otis Redding que catapultou **Aretha Franklin** para o sucesso definitivo. Depois, seguiram-se muitas outras canções que ainda hoje são recordadas, ouvidas e estimadas: “Baby, I love you”, “I Say a Little Prayer” e “(You Make Me Feel Like) A Natural Woman”.

Os anos 70 corresponderam a um período irregular. Se por um lado foi nesta década que **Aretha Franklin** ganhou vários dos seus Grammys e foi coroada oficialmente como Rainha da Soul, foi também neste período que se deu a febre da música disco, que fez com que a artista perdesse parte da sua popularidade. Seguiu-se uma fase conturbada, marcada por um divórcio, a morte do pai e uma série de questões judiciais relacionadas com o pagamento de impostos.

O regresso ao estrelato ocorreu no ano de 1985, data de lançamento daquele que é o seu álbum mais vendido: “Who’s Zoomin’ Who?”. Nos anos que se seguiram, a artista colaborou com outros músicos, como os Eurythmics e George Michael, voltando a ser distinguida com vários prémios. Em 2014 regressou aos discos. “Aretha Franklin Signs the Great Diva Classics” provou que a Rainha da Soul ainda não perdeu o trono. Neste registo, que inclui a canção de Adele que referimos inicialmente, a diva das divas faz versões de clássicos como “At Last” (Etta James) ou “You Keep Me Hangin’ On” (The Supremes) com a mesma voz grandiosa de sempre, provando que permanece uma força viva da cultura popular.





**ELVIS PRESLEY É AINDA HOJE
CONSIDERADO UMA DAS MAIORES
LENDAS DA MÚSICA CONTEMPORÂNEA,
RECONHECIDO POPULARMENTE COMO
O REI DO ROCK N' ROLL.**

Embora se assinale em 2017 o 40º aniversário da sua morte, os êxitos musicais que deixou continuam a ser ouvidos e admirados por muitos, como "Mystery Train", "Hound Dog" e "Suspicious Minds", por exemplo. Mas não é apenas no seu trabalho que o legado vive. Outros artistas assumem hoje ter encontrado a sua maior inspiração em **Elvis Presley**, prolongando desta forma a influência do cantor na História da Música.

Foi na igreja em East Tupelo, Mississipi (EUA), que **Elvis Presley** teve o seu primeiro contacto com o meio musical. Por esta altura era apenas uma criança, mas as vibrações entranharam-se no corpo e alma do jovem. Mais tarde, aprendeu a tocar guitarra e acrescentou à paixão pelo gospel a devoção pela música country e blues. Começou a participar em concursos de talentos musicais e chegou inclusive a ganhar alguns deles. No entanto, ao terminar o ensino secundário, a música não gerava dinheiro suficiente para ajudar a pagar as contas de casa.

Por essa razão, até captar a atenção da editora Sun Records em 1954, **Elvis Presley** conciliou o seu sonho com um emprego como camionista. Todavia, quando assinou o seu primeiro contrato, já todos esperavam grandes coisas para o jovem cantor de East Tupelo. E a verdade é que estavam certos. O primeiro single de **Elvis Presley** começou por passar nas rádios de Memphis, mas não demorou

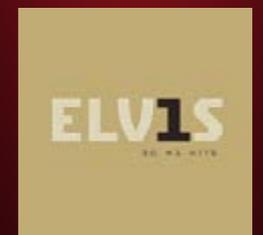
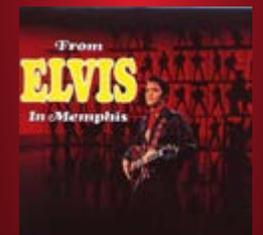
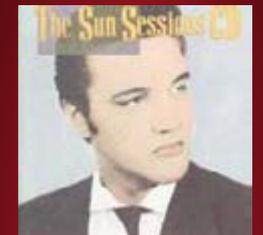
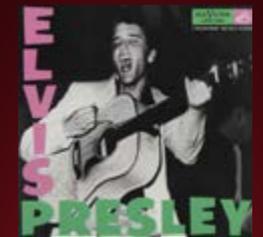
muito tempo até alcançar outras cidades e estados norte-americanos. Em 1956, o ano de mudança total: **Elvis Presley** era quase desconhecido no início do ano, mas no final do mesmo já era o maior ídolo dos Estados Unidos da América, atingindo um reconhecimento nunca antes alcançado por nenhum outro artista.

A importância e relevância de Elvis na cultura popular anglo-saxónica nunca poderá ser totalmente quantificada.

O cantor protagonizou e provocou uma mudança de comportamentos no território conservador e moralista dos EUA até então impensável, conseguindo quebrar barreiras sexuais, raciais e sociais por via das suas canções, postura e actuações ao vivo transgressoras para a época. Os anos de glória de **Elvis Presley** estenderam-se aos anos 60. Além de conseguir inúmeras nomeações para os Grammys, fez cinema e televisão, ganhando admiradores em todo o Mundo. Contudo, o período de maior fama correspondeu também a uma série de problemas pessoais que prejudicaram bastante o cantor. Na década de 70, o declínio de **Elvis Presley** começou a tornar-se evidente aos olhos de críticos e dos próprios fãs. Apesar dos seus álbuns continuarem a vender bastante, o artista começou a cancelar concertos com mais frequência, passando grande parte do seu tempo entre as paredes de Graceland, a sua mítica mansão no Tennessee, atormentado por fantasmas pessoais.

No dia 16 de agosto de 1977, o mundo foi apanhado de surpresa: **Elvis Presley** é encontrado morto. As circunstâncias da sua morte são ainda hoje contestadas por fãs fervorosos, mas tudo aponta que terá sido um ataque cardíaco fulminante. O que se sabe de certeza é que o falecimento de **Elvis Presley** causou uma comoção internacional nunca antes vista. Mas o mundo jamais esqueceu o cantor, cuja voz grave e sensual ainda hoje é ouvida, sendo considerado um dos artistas já falecidos que mais dinheiro movimentou e gera na indústria musical.

Elvis Presley





Johnny Cash



A SUA VOZ ERA “TÃO GRANDE QUE FAZIA COM QUE O MUNDO PARECESSE FICAR ENCOLHIDO”. AS PALAVRAS SÃO DE BOB DYLAN E DESCREVEM AQUELE QUE NÃO SÓ É UMA DAS SUAS MAIORES REFERÊNCIAS MUSICAIS, COMO TAMBÉM UM DOS ARTISTAS MAIS IMPORTANTES DO SÉC. XX. FALAMOS DE JOHNNY CASH.

“Ring of Fire”, “I Walk the Line” e “Folsom Prison Blues” são apenas 3 dos temas mais marcantes do cantor e compositor, também conhecido como Man in Black por normalmente se apresentar em palco vestido de preto. A alcunha chegou até a ser usada para dar nome a um álbum e a um tema, lançados em 1971. Com uma carreira de quase 50 anos, **Johnny Cash** faleceu em setembro de 2003.

Para a história ficaram 96 álbuns e mais de uma centena de singles.

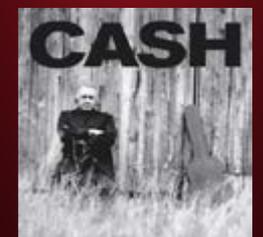
As canções de **Johnny Cash** são o reflexo de uma vida preenchida que não escapou a algumas controvérsias. Depois de uma infância difícil, marcada pelo alcoolismo do pai e pela violência doméstica, e após alcançar um sucesso moderado na década de 50, **Johnny Cash** começou a ser reconhecido pelo público norte-americano no início dos anos 60. Todavia, a pressão e o mediatismo levaram-no ao consumo e dependência de anfetaminas e barbitúricos. Apesar da toxicod dependência, **Johnny Cash** nunca deixou de escrever, exorcizando os seus demónios pessoais através da música. Aliás, foi nesta década que o norte-americano compôs aquele que é provavelmente o seu maior êxito, “I Walk The Line”.

Após um período de decadência, uma tentativa de suicídio e a posterior conversão ao Cristianismo, **Johnny Cash** voltou à ribalta. Entre 1969 a 1971 teve até o seu próprio programa de televisão e, posteriormente, participou em alguns filmes e séries televisivas como ator. Em 1980, o músico foi introduzido no Country Music Hall of Fame. Na altura tinha apenas 48 anos. Contudo, **Johnny Cash** ainda tinha muito mais para oferecer ao seu público e legião de fãs. A década de 90 foi bastante produtiva e permitiu ao compositor explorar novas áreas através de colaborações com artistas mais novos,

angariando também um reconhecimento global nas gerações modernas.

Sendo um dos maiores embaixadores de sempre da música country, **Johnny Cash** marcou a sua carreira pela voz profunda que influenciou inúmeros artistas, mas também pela exploração descomplexada de sonoridades e assuntos pouco tradicionais, rompendo com as regras e impondo por via do seu talento uma nova forma de fazer música.

Com os discos produzidos pelo mítico produtor Rick Rubin, **Johnny Cash** elevou a sua obra a outro patamar durante a década de 90 e até ao final da sua vida. Com os discos “American Recordings” (1994), “Unchained” (1996), “American III: Solitary Man” (2000), “American IV: The Man Comes Around” (2002), “American V: A Hundred Highways” (2006) e, já a título póstumo, “American VI: Ain’t No Grave” (2010), o cantor manteve vivo não apenas o seu legado, mas também a recordação da voz excepcional e sensibilidade única que marcaram todas as suas músicas e interpretações. Em 2005 foi lançado o filme “Walk the Line”, que recordou a vida do cantor e, sobretudo, a relação com June Carter. Em 1999, **Johnny Cash** foi diagnosticado com uma doença neurodegenerativa, permanecendo activo musicalmente até falecer em Nashville no dia 12 de setembro de 2003.





VOZ DE CLÁSSICOS COMO “I JUST WANT TO MAKE LOVE TO YOU”, “AT LAST”, “SOMETHING’S GOT TO HOLD ME” E “I’D RATHER GO BLIND”, ETTA JAMES É UMA DAS ARTISTAS FEMININAS MAIS IMPORTANTES DE SEMPRE.

Com uma carreira peculiar, a cantora abraçou vários gêneros musicais, construindo pontes duradouras entre o jazz, rock, soul e R&B. O reconhecimento maior chegou nos anos 90, década em que começou a receber vários prêmios. Todavia, o seu percurso teve início muito tempo antes.

Los Angeles (EUA), 25 de Janeiro de 1938. Esta é a data de nascimento de Jamesetta Hawkins. Filha de uma afro-americana, **Etta James** nunca soube ao certo quem seria o seu verdadeiro pai. Rumores dizem que a cantora era resultado de um caso da mãe

com um famoso jogador de bilhar, denominado Rudolf ‘Minnesota Fats’ Wanderone. Devido à ausência materna frequente, **Etta James** foi adotada por outra família. Ainda muito jovem começou a ter aulas de canto no coro. E era tão impressionante que rapidamente tornou-se um sucesso ao ponto do pai adotivo começar a cobrar pelas atuações. A infância foi marcada pela violência: durante jogos de poker era comum ser acordada pelo pai que a obrigava a cantar para os convidados. Graças a isto, **Etta James** desenvolveu alguma relutância em cantar em público e alguma da ferocidade interpretativa que seria a sua imagem de marca.

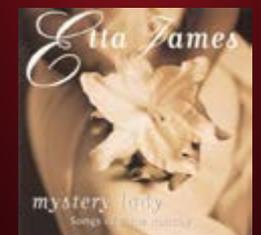
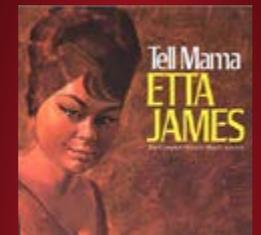
Com a morte da mãe adotiva, em 1950, a jovem voltou a viver com a mãe biológica em São Francisco, onde se entusiasmou com as vibrações do novo género musical afro-americano da moda: o doo-wop. A enorme paixão pela música impulsionou a criação de um grupo feminino, chamado as The Creollettes. Pouco tempo depois, em 1954, conheceu Johnny Otis, que as integrou nos seus espetáculos e ajudou a assinarem um contrato com a Modern Records. Por essa altura, o nome do grupo mudou para Peaches, iniciando então um percurso de sucesso, com performances ao lado de nomes sonantes como Little Richard.

A carreira a solo começou no início da década de 60. O primeiro grande sucesso foi o single “All I Could Do Was Cry”. Mas foi com “At Last!”, nome do álbum de estreia,

que a crítica se rendeu. O disco ainda hoje é considerado como um dos melhores álbuns de todos os tempos. Dele fazem parte temas como o próprio “At Last” e a mais famosa de todas as suas canções: “I Just Want to Make Love to You”. Depois de um período de grande sucesso, **Etta James** resolveu deixar os palcos e durante mais de uma década não gravou nenhum álbum. O regresso ocorreu no final dos anos 80, ao lado de Chuck Berry. Juntos cantaram o tema “Rock & Roll Music”, filmado para o documentário sobre o cantor, “Hail! Hail! Rock ‘n’ Roll!”. Na década de 90 chegou a consagração total e foi reconhecida como uma das grandes vozes da música de forma incontestável.

A vida pessoal de **Etta James** teve uma grande influência no seu percurso profissional. Várias vezes a artista esteve envolvida em problemas relacionados com o consumo de drogas, romances complicados e obesidade. A cantora tentou várias vezes a desintoxicação e chegou mesmo a pesar perto de 200 quilos, combatendo as suas maleitas até ao final da vida. Quando faleceu em 2012, vítima de leucemia, tinha 73 anos. Mas a marca de **Etta James** na História da Música permanece intocada: com a sua forma de cantar selvagem, muitas vezes desesperada, que integrava restos de dor e violência, a cantora conseguiu encantar e marcar para sempre todos os seus inúmeros fãs espalhados pelo Mundo.

Etta James





Marvin Gaye



NÃO HÁ VOZ OU MÚSICA COMO A DE MARVIN GAYE: A FORMA COMO CANTAVA, TÃO SUAVE E GENTIL, DEU FORMA A ÊXITOS ÚNICOS E MARCANTES QUE AINDA HOJE TOCAM NA RÁDIO.

Sempre muito consciente de tudo o que se passava à sua volta, **Marvin Gaye** procurou extravasar os seus sentimentos para a música, construindo assim um legado único que perdura até aos dias actuais. Infelizmente, essa obra não é ainda maior porque a sua jornada de glória teve um final abrupto trágico.

Marvin Gaye nasceu a 2 de abril de 1939, em Washington (EUA), filho do pastor Marvin Gay Sr. e de Alberta Gay. A igreja teve, por isso, um papel importante no crescimento do pequeno Marvin e foi aí que, aos 4 anos, começou a participar no coro.

O pai normalmente acompanhava-o com acordes no piano, incentivando inconscientemente o amor de **Marvin Gaye** pela música. Mais tarde, quando frequentava a escola, foi incentivado pela família e amigos a seguir uma carreira musical após uma atuação intensa. Mas, conforme revelou anos mais tarde, a música tinha-se tornado mais do que uma ambição profissional: dava-lhe sobretudo força para encarar o que se passava em casa. O pai do jovem artista sujeitava a família a maus tratos, nomeadamente a “chicoteadas brutais”, tendo marcado o seu espírito e alma para toda a vida.

Entretanto, **Marvin Gaye** juntou-se a diversos grupos vocais durante a sua passagem pela escola secundária. Quando a relação com o pai piorou foi expulso de casa e alistou-se nas Forças Aéreas Norte-Americanas. O regresso coincidiu com a formação do quarteto The Marquees, que não durou muito tempo, mas cuja experiência ainda o motivou mais para seguir a carreira musical. Já nesta altura, **Marvin Gaye** compunha as suas músicas e pretendia seguir uma carreira a solo. A oportunidade não tardou a chegar e, após conhecer Berry Gordy da Motown, assinou contrato como... baterista.

Aceitando ocupar o cargo de músico de sessão como baterista para os The Miracles e os The Marvelettes, **Marvin Gaye** começou a colocar em prática o seu talento para a composição. Em 1962, ajudou a compor o hit “Beechwood 4-5789” dos Marvelettes.

Nesse mesmo ano, lançou outro single, “Stubborn Kind of Fellow”, e chega ao número 8 da tabela de R&B. Daí para a frente, o seu sucesso continuou a crescer exponencialmente, assumindo-se durante largos anos como o principal vocalista da fábrica de hits bem oleada da Motown. Existem duas fases distintas de **Marvin Gaye** enquanto cantor. A carreira a solo foi marcada pelas batalhas travadas com Berry Gordy nos primeiros tempos, mas depois de conseguir obter controlo criativo, **Marvin Gaye** superou todas as expectativas. A sua ambição artística culminou com o lançamento de discos intemporais como “What’s Going On” (1971), “Trouble Man” (1972), “Let’s Get It On” (1973), “I Want You” (1976), “Here, My Dear” (1978) e “In Our Lifetime” (1981).

Aos 44 anos, após ter lançado 17 álbuns de estúdio, **Marvin Gaye** morre inesperadamente, para grande choque dos seus fãs. Na véspera do seu aniversário, a 1 de abril de 1984, interfere numa discussão entre o pai e a mãe, acabando por ser mortalmente alvejado pelo progenitor.

Nesse dia fatal que nos impediu a todos de continuar a desfrutar de novas canções do génio criativo por detrás de temas icónicos como “Let’s Get it On” e “Sexual Healing”. Morreu um ícone. Ironicamente, a mesma pessoa que lhe deu a vida também a tirou: perdeu-se o homem, mas as suas músicas e a sua voz ficaram para sempre.



Otis Redding



OTIS REDDING É PROVAVELMENTE UM DOS CASOS MAIS FLAGRANTES DE SUCESSO PÓSTUMO NO MUNDO DA MÚSICA. ATUALMENTE CONSIDERADO COMO UM DOS MELHORES CANTORES DE TODOS OS TEMPOS, O ARTISTA NATURAL DA CIDADE DE DAWSON, GEORGIA (EUA) NEM SEMPRE FOI TÃO RECONHECIDO. MUITO PELO CONTRÁRIO.

Nascido em 1941, **Otis Redding** despertou para a música quando era ainda jovem: participou no grupo coral da sua terra e até chegou a ganhar 15 vezes consecutivas um concurso de talentos local! Na adolescência decidiu deixar a cidade de Macon, em busca de uma carreira no meio musical.

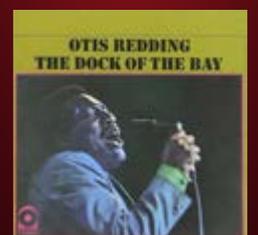
Seguia na verdade as pisadas do conterrâneo Little Richard, dizendo que se o músico não tinha conseguido ser bem-sucedido ali, também ele não conseguiria. Todavia, o caminho não foi fácil.

Em 1958, **Otis Redding** juntou-se ao guitarrista Johnny Jenkins e à sua banda, os Pinetoppers. Pouco tempo depois, participou numa tournée pelos estados sulistas norte-americanos, onde existia uma maior tradição das sonoridades tipicamente negras. Além de cantar, **Otis Redding** acumulava funções como motorista da banda. O primeiro single em nome individual chama-se “These Arms of Mine” e foi gravado em 1962, pela Stax Records, editora também responsável pelo lançamento do seu primeiro álbum, “Pain in My Heart” (1964). Primeiro, tornou-se muito popular entre a comunidade negra, contudo com o tempo **Otis Redding** foi captando a atenção de uma plateia cada vez mais diversificada de forma progressiva.

Com um estilo distinto, o vocalista, ao contrário da maioria dos seus pares, não era apenas um cantor, mas também era compositor, tendo escrito a maior parte das suas letras e canções. O momento de viragem e reconhecimento público aconteceu com a música “(Sittin’ On) the Dock of the Bay”, ainda hoje considerada a sua canção mais popular, que foi escrita em 1967. A letra é o resultado de uma parceria com o guitarrista

e compositor Steven Cropper e nasceu depois de uma atuação no Monterey Pop Festival. Ambos os artistas estavam longe de imaginar que o tema viria a ser número 1 no Billboard Hot 100 pouco depois. Infelizmente, o sucesso massivo esteve também ligado ao trágico acidente que vitimou **Otis Redding**, pois viajava cada vez mais de avião de modo a corresponder a tantas solicitações ao vivo. Todavia, em Setembro de 1967, o avião em que o artista viajava caiu nas águas do lago Monona no estado do Wisconsin.

Para trás, **Otis Redding** deixou versões e temas originais icónicos por ele imortalizados e que foram adaptados por muitas outras vozes. Falamos, por exemplo, de “Respect” (depois reinterpretado por Aretha Franklin, por exemplo) ou “Hard to Handle”. Com um lugar reservado na história da música, **Otis Redding** é, segundo a revista Rolling Stone, o 21.º melhor artista de sempre, apenas alguns lugares atrás daquela que era inicialmente a sua maior referência, Little Richard, a quem pertence o 8.º lugar da mesma lista. Além do sucesso comercial, a presença de palco magnética de **Otis Redding** e as atuações sinceras elevaram o vocalista ao trono da música soul. O seu método era simples, mas puro, conforme explicou: “Se queres ser cantor tens que te concentrar nisso 24 horas por dia, pensar sempre de maneira diferente dos outros cantores e nunca fazer uma canção que já tenha sido feita”.





Sly Stone



SYLVESTER STEWART NASCEU EM 1943 E É O SEGUNDO DE 5 FILHOS DE UMA FAMÍLIA RELIGIOSA DE SÃO FRANCISCO (EUA). INCENTIVADAS PELOS PAIS, AS CRIANÇAS COMEÇARAM DESDE CEDO A CRIAR PROJETOS MÚSICAIS AMADORES.

Ainda jovem, Sylvester Stewart já mostrava apetência para vários instrumentos: com 7 anos dominava as teclas e com 11 também era capaz de tocar guitarra, baixo e bateria. Na Igreja juntou-se a 3 dos irmãos, formando temporariamente os The Stewart Four. Com o tempo, o grupo gospel tornou-se famoso entre a vizinhança e chegou a gravar um single.

De forma não profissional, este seria o início do longo trajeto de **Sly Stone**, um artista que marcou de forma assinalável

a História da Música através do seu génio criativo. Afinal, não é por acaso que a banda que deu visibilidade a Sylvester Stewart se chama Sly and the Family Stone. Mas porquê **Sly Stone**? Porque não usar os seus nomes originais? A história do nome artístico de um cantor que ainda permanece semi-desconhecido do grande público remonta também à infância, tendo origem num colega de escola que não conseguia dizer o nome corretamente e, por isso, costumava chamá-lo "Slyvester".

Após dedicar-se em pleno à composição e interpretação nos anos 60, **Sly Stone** começou a trabalhar como DJ e produtor musical, entrando em contacto com novas influências, desde os The Beatles aos The Rolling Stones. Foi então que decidiu mudar o nome para **Sly Stone**. Em 1966, nasceram os Stoners, uma banda que incluía também a trompetista Cynthia Robinson. E foi com ela que nasceram os **Sly and the Family Stone**.

A formação inicial contava com Robinson e Fred Stewart, Larry Graham, Greg Errico e Jerry Martini. Posteriormente, também a irmã Rosie se juntou à banda. O projeto era inicialmente em part-time, sendo que muitos dos elementos mantinham outras actividades paralelas.

Contudo, entre o final da década de 60 e o início da década seguinte, o conjunto viveu o período de maior sucesso. "Dance to the Music" foi o primeiro grande êxito da

banda, que é hoje recordada como uma das mais importantes do género soul, funk e psicadélico, embora no seu universo sonoro não existissem limites. Esta foi apenas a primeira de muitas canções marcantes com as quais o grupo, por via do talento do seu mentor e principal compositor, formou um repertório inigualável. "I Want to Take You Higher", "If You Want Me to Stay", "Everyday People" ou "Family Affair" são hinos assinados por este pioneiro do funk que ainda hoje impactam muitos fãs. Não é por acaso que diversos especialistas do meio musical estabelecem pontes ao longo do tempo que explicam a importância de **Sly Stone** como influência para nomes como Prince, James Rick ou Beck. É sem sombra de dúvidas um dos mais importantes artistas afro-americanos, não apenas enquanto músico, mas também como compositor e produtor.

A abordagem desassombrada de questões raciais e sociais, o carácter sexual avançado para a época, além do estilo de fusão de vários géneros musicais fizeram com que a banda se destacasse entre as demais. Com o sucesso chegaram também alguns problemas, desde o envolvimento com o Partido dos Panteras Negras do movimento Black Power à toxicodependência e problemas de **Sly Stone**, que eventualmente se perdeu no seu próprio mundo. Mas o mundo da música nunca mais o esqueceu e, por isso, **Sly Stone** ainda hoje é considerado um dos mais brilhantes intérpretes da História da Música.





A VOZ DE AL GREEN É FREQUENTEMENTE COMPARADA A UMA MISTURA PERFEITA ENTRE ROMANCE E SEXO. EMBORA CONSIDERADO POR MUITOS COMO O ÚLTIMO GRANDE ARTISTA DA GERAÇÃO DA MÚSICA SOUL, O CANTOR NORTE-AMERICANO NÃO SOA NADA PARECIDO COM OS SEUS PREDECESSORES.

Com o seu falseto característico e único, capaz de provocar verdadeiras explosões de arrepios, como acontece no clássico "Let's Stay Together", **Al Green** esteve principalmente em alta durante os anos 70, alcançando o top 10 das tabelas mais do que uma vez.

Albert Greene nasceu em Abril de 1946, em Arkansas. Ainda em pequeno começou a atuar com os seus cinco irmãos mais velhos, conhecidos localmente por Greene Brothers. Apesar de serem muito pequenos começaram desde cedo a criar boa reputação e a lançar as sementes para o sucesso. No final dos anos 50, sucedeu-se então um momento marcante para a história de **Al Green**: o pai expulsou-o de casa quando o encontrou a ouvir o mítico Jackie Wilson, considerado o Elvis Presley negro! Uma vez que a família Greene era profundamente devota à igreja católica, o recém-descoberto interesse musical de Albert foi motivo suficiente para que fosse colocado fora de casa.

Na escola secundária, **Al Green** começou um grupo com dois colegas, Curtis Rodgers e Palmer James. Em 1968, gravaram a música "Back Up Train" e lançaram-na no Hot Line Music. Em poucas semanas assistiram ao sucesso da música nas tabelas de R&B. Ainda assim, o álbum de estreia dos **Al Green & Soul Mates** não teve o mesmo sucesso. Ao assinar contrato com o produtor Willie Mitchell, **Al Green** lançou então o seu primeiro álbum a solo, "Green Is Blues", que registou um sucesso moderado. O segundo disco "Al Green Next to You" também não elevou **Al Green** ao patamar do estrelato. Mas quando o álbum "Let's Stay Together" saiu, o artista nunca mais deixou de ser

reconhecido como uma das grandes vozes da História da Música. Foi com este hit clássico que foi certificado com o seu primeiro disco de ouro e garantiu um lugar único no coração do público.

Após anos de glória, o artista viveu momentos dramáticos em 1974, quando pouco depois do lançamento do álbum "Al Green Explores Your Mind", a sua ex-namorada, Mary Woodson White, atacou-o, despejando uma sertã de aveia quente sobre o cantor enquanto tomava banho. O motivo para tal ataque terá sido a recusa de **Al Green** em casar com Mary White. A ex-namorada suicidou-se logo após o ataque, usando o próprio revólver de **Al Green**, enquanto o artista sofreu várias queimaduras nas costas e nos braços. Após o incidente mudou radicalmente de vida e tornou-se pastor pelo Tabernáculo Full Gospel em Memphis. No ano seguinte casou com Shirley Kyles, com quem teve 3 filhas. Durante a lenta recuperação das queimaduras de 3º grau, o vocalista e compositor dedicou-se a música espiritual de conotação religiosa.

Apenas em 2003 regressou aos temas soul que marcaram a sua carreira como cantor supremo. No álbum "I Can't Stop" voltou a colaborar com Willie Mitchell e já em 2008 experimentou outras sonoridades no disco "Lay It Down", lado a lado com nomes da nova vaga da música R&B e soul, como Ahmir "Questlove" Thompson dos The Roots e o teclista James Poyser.

Al Green





CANTOU, COMPÔS, DANÇOU E PRODUZIU. JAMES BROWN RESPIROU MÚSICA DO PRINCÍPIO AO FIM NUM ESTILO ÚNICO E, POR ISSO, MERECE UM LUGAR NÃO SÓ ENTRE AS VOZES, COMO TAMBÉM ENTRE OS ARTISTAS MAIS MARCANTES DA HISTÓRIA DA MÚSICA.

O Padrinho do Soul teve uma carreira de meio século e influenciou muitos artistas ao longo da sua vida, durante a qual vendeu mais de 100 milhões de álbuns!

Nascido em 1933 em Barnwell (EUA), o jovem **James Brown** enfrentou com dificuldades o divórcio dos pais. Ainda criança foi viver com uma tia, que era dona de um bordel na Geórgia. Com apenas 4 anos de idade, começou a trabalhar em

troca de alguns tostões: foi engraxador de sapatos, dançou para soldados, lavou carros... “Comecei a engraxar sapatos por 3 cêntimos, depois subi para 5 e depois 6. Tinha 9 anos quando comprei um par de roupa interior de uma loja; todas as minhas roupas eram feitas de sacos e coisas desse género”, contou uma vez em entrevista.

A música surgiu por volta dos 12 anos, numa altura em que foi dispensado da escola. O motivo? “Usava roupa insuficiente”, explicou anos mais tarde. Num período de grandes dificuldades, começou a cantar no coro da igreja, onde era elogiado quer pelas capacidades vocais, quer pela emoção que colocava na voz. Contudo, com apenas 16 anos, **James Brown** foi preso por roubo e enviado para um centro de detenção de jovens, onde teve a possibilidade de ocupar o tempo com música e desporto. Depois de sair do reformatório, passou alguns anos a praticar boxe e a jogar baseball a nível semi-profissional. Foi então que conheceu Bobby Byrd, que

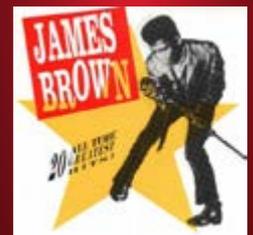
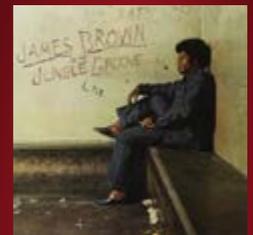
o convidou para fazer parte de um grupo mais tarde renomeado para Famous Flames. Os anos que se seguiram foram de sucesso crescente para **James Brown**. Quando “Please, Please, Please” chegou ao número 6 dos tops de R&B em 1956, já o artista era alvo de respeito e admiração onde quer que actuasse. Durante esse período, a banda fez digressões intensas pelos estados sulistas dos EUA, abrindo concertos de nomes

consagrados, como B.B. King e Ray Charles. Em 1958, **James Brown** viajou para Nova Iorque e aí gravou um dos seus maiores êxitos, a música “Try Me”.

Os restantes anos da década de 50 e da década de 60 foram de trabalho árduo: era comum o artista atuar 6 noites por semana, facto que lhe valeu a alcunha de ‘The Hardest-Working Man in Show Business’ (o Homem que Mais Trabalha na Indústria do Espectáculo). Lançado em 1963, o disco “Live at the Apollo” trouxe o reconhecimento de todo o país pela estrela maior da música funk. Extremamente exigente, **James Brown** não pedia aos seus músicos menos do que a perfeição. A par do sucesso em palco, o artista foi ocupando um papel cada vez mais importante como ativista dos direitos civis: após a morte de Martin Luther King Jr. foi ele quem evitou possíveis protestos em Boston ao dar um concerto transmitido pela televisão. Apesar de nunca ter deixado de trabalhar ocorreram vários episódios polémicos que puseram em causa a sua carreira.

Após muitos anos no activo, intercalados com entradas e saídas da cadeia, **James Brown** faleceu em 2006, vítima de pneumonia. No seu livro de memórias escreveu: “Outros podem ter seguido o meu despertar, mas fui eu que transformei o minstrelsy (forma de entretenimento musical entre a cultura negra) na soul negra - e ao fazê-lo, tornei-me numa força cultural”.

James Brown





JIM MORRISON É MAIS DO QUE UMA VOZ POR DETRÁS DE UMA BANDA. O ETERNO VOCALISTA DOS THE DOORS É ACLAMADO PELA CRÍTICA E CARINHOSAMENTE LEMBRADO PELO PÚBLICO QUE O RECORDA COMO UMA FIGURA INCONTORNÁVEL DA ARTE CONTEMPORÂNEA.

Fenómeno de vendas, precursor musical e sinónimo de excessos: **Jim Morrison** é tudo isto e muito mais.

Considerado como um dos mais carismáticos vocalistas da História da Música, **Jim Morrison** faleceu com apenas 27 anos. A sua morte está envolvida numa névoa de polémica e desde logo ascendeu à categoria de mito popular, dada a

especulação em torno da mesma. No dia 3 julho de 1971, quando o artista foi encontrado na banheira do seu apartamento em Paris, foram mais as perguntas que ficaram por responder do que as certezas sobre o final trágico de um dos maiores mitos do Século XX. A inexistência de provas de agressão física fez com que as autoridades excluíssem a hipótese de assassinato e dispensassem a necessidade de uma autópsia. A morte natural foi decretada. No entanto, julga-se que o Rei Lagarto terá morrido de overdose, após demasiados abusos de drogas e substâncias menos próprias para uma alma sensível.

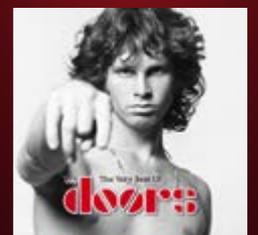
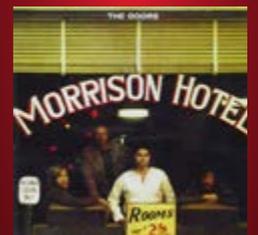
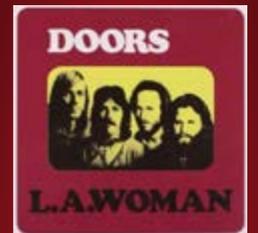
Filho de um almirante da marinha norte-americana, Jim Morrison nasceu em Melbourne (EUA) em 1943, mas passou a infância de cidade em cidade, devido à profissão do pai. Os primeiros anos foram marcados por um episódio que descreveu como um dos acontecimentos mais importantes da sua vida: numa viagem para o Novo México, o jovem assistiu a um grave acidente de um camião que transportava índios. Anos depois, o sangue espalhado pelo chão e a consciência da morte ali tão perto influenciaram fortemente o espírito do carismático vocalista, assombrando canções como “Peace Frog”, “Ghost Song” e “The End”. O mais curioso é que esse mesmo acidente foi desmentido pelos pais que supostamente estariam com ele no mesmo automóvel.



Jim Morrison

Seja qual for a verdade, a mente de **Jim Morrison** gerou algumas das mais originais canções da História da Música. Com um QI acima da média, o cantor foi muito influenciado por nomes da literatura como Friedrich Nietzsche, Franz Kafka, Jack Kerouac, Jean Cousteau e Charles Baudelaire, incorporando na sua arte uma visão criativa sem complexos estilísticos. Depois de algum tempo de vida boémia, o jovem acabou por concluir os estudos em cinema no ano de 1965. Foi no período da faculdade que se encontrou com Ray Manzarek, o teclista dos The Doors, a banda cujo nome foi inspirado no livro “The Doors of Perception” de Aldous Huxley. A obra retrata a influência dos alucinogénicos no cérebro humano e defende como estas substâncias podem ser usadas para alargar a perspectiva do Homem sobre o Mundo.

Se aumentar a percepção de todos os ouvintes para novas abordagens sonoras, espirituais e metafísicas era o objectivo foi precisamente isso que a banda liderada por **Jim Morrison** fez com os discos “The Doors” (1967), “Strange Days” (1967), “Waiting for the Sun” (1968), “The Soft Parade” (1969), “Morrison Hotel” (1970) e “L.A. Woman” (1971). Composta por músicos brilhantes e cada um à sua maneira bastante peculiar, os The Doors criaram um estilo musical único, caracterizado pela liberdade e génio criativo dos seus membros. Numa carreira curta, mas muito intensa, **Jim Morrison** partiu cedo demais, sendo considerado uma das maiores lendas da História da Música. Contudo, a sua arte e a sua voz jamais será esquecida.





Stevie Wonder



Stevie Wonder nasceu a 13 de maio de 1950 na cidade de Michigan (EUA). No entanto, o parto não foi fácil. O compositor norte-americano nasceu prematuramente seis semanas antes do previsto. Por essa mesma razão, sofreu uma complicação visual que o deixou cego. No entanto, viria a perceber mais tarde que a cegueira não o impedia de seguir a carreira que tanto almejava: a música.

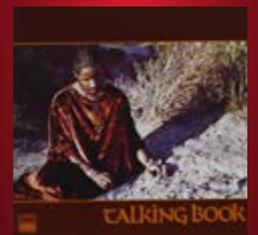
Em criança aprendeu a tocar piano, bateria e harmónica e rapidamente canalizou o seu talento para atuações públicas. Ao lado de um amigo, começou a tocar em esquinas, festas e clubes de dança locais em Detroit. Então, o inesperado aconteceu: aos 11 anos, canta *Lonely Boy* - uma música composta por si - a Ronnie White dos *The Miracles*. Fascinado com o talento do pequeno **Stevie Wonder**, White levou a criança e a sua mãe a uma audição na Motown, onde o jovem conseguiu assinar contrato com Berry Gordy. Nos dois anos seguintes, o **Little Stevie Wonder** gravou dois álbuns e tornou-se uma figura conhecida por todo o país. Sim, antes de ser um cantor reconhecido a nível mundial, o artista foi uma das primeiras

crianças-prodígio a alcançar sucesso na música norte-americana.

Até 1970, o **Little Stevie Wonder** não só provou ser um êxito como gravou 12 álbuns inteiros. Mas o seu talento enquanto força criadora imbatível no seu género musical

apenas foi totalmente revelado quando, após uma disputa acesa com a editora, garantiu o pleno controlo criativo, algo nunca antes alcançado pelos artistas da Motown. Iniciou-se então o período mais profícuo da sua vida e que lhe garantiu em definitivo um lugar junto dos maiores nomes da História da Música. O génio do compositor atingiu os píncaros quando gravou uma sequência de álbuns fantásticos em apenas 5 anos. Com *“Talking Book”* (1972), *“Innervisions”* (1973), *“Fulfillingness’ First Finale”* (1974) e *“Songs in the Key of Life”* (1976), **Stevie Wonder** criou algumas das músicas mais conhecidas de sempre, incluindo *“I Wish”*, *“Sir Duke”*, *“Living in the City”*, *“Boogie on a Reggae Woman”* e *“Isn’t She Lovely”*, que influenciaram gerações inteiras de fãs e músicos em todo o Mundo.

A história da música soul e blues contava, por isso, com um novo artista que não tardou a ser galardoado com 17 prémios Grammy. Em 1984, o filme *“The Woman in Red”* chega aos cinemas com um sucesso musical que ainda hoje é bem lembrado: *“I Just Called To Say I Love You”*, um êxito que lhe valeu um Óscar e se tornou o single mais vendido na história da Motown. **Stevie Wonder**, atualmente com 64 anos (em 2015), continua no ativo e, sem surpresas, o seu último álbum de estúdio, lançado em 2005, conseguiu ainda ser disco de ouro nos EUA, onde é considerado tesouro nacional.



**PARA MUITOS CRÍTICOS MUSICAIS,
A MÚSICA DE STEVIE WONDER
PODE-SE RESUMIR NUM ÚNICO ADJETIVO:
É EXTREMAMENTE VISUAL. SIM, VISUAL.
AO LONGO DA SUA CARREIRA, O ARTISTA
PROVOU SUCESSIVAMENTE QUE É POSSÍVEL
USAR A VOZ PARA CRIAR CONTEÚDO
GRÁFICO DENTRO DAS NOSSAS CABEÇAS.**

Mas reduzir a incrível panóplia de recursos do autor de *“Sir Duke”* a um adjetivo é uma obscenidade. Com uma voz muito rica, marcada por um vibrato impactante que ainda assim nunca perde a sua beleza, **Stevie Wonder** reflete na intensidade e emoção das suas músicas tudo aquilo que lhe foi privado visualmente pela cegueira.



Bob Marley



AO FALARMOS DE BOB MARLEY É OBRIGATÓRIO REFERIR QUE FOI UMA DAS VOZES MAIS CARISMÁTICAS DE TODOS OS TEMPOS, SENDO RESPEITADO DE FORMA QUASE TRANSVERSAL NO PLANETA. TALVEZ POR ISSO NÃO NOS PODEMOS ESQUECER TAMBÉM DE QUE O SEU ÊXITO MARCOU A PRÓPRIA HISTÓRIA DO MUNDO.

Ao cantar sobre temas comuns aos países colonizados, pobres e oprimidos, **Bob Marley** conseguiu com a sua música provocar uma séria reflexão na Humanidade.

Robert Nesta Marley nasceu no dia 6 de fevereiro de 1945 em Saint Ann (Jamaica). O seu pai era um capitão inglês chamado Norval Marley, que se encantou por Cedella Malcolm, uma negra de 18 anos, quando estava ao serviço da coroa britânica na ilha. O casal separou-se poucos dias depois

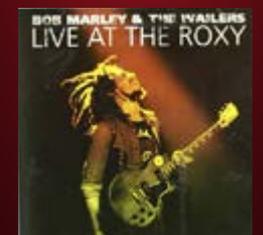
do casamento. Ainda assim, Norval continuou a sustentar o filho durante a infância. O jovem **Bob Marley** tinha 10 anos quando recebeu a notícia da morte do pai. Logo a seguir mudou-se para Trenchtown, uma das favelas mais pobres de Kingston. Estes não foram, sem dúvida, tempos fáceis para o jovem Marley. Sendo mulato numa comunidade predominantemente negra ele não era bem aceite. Essa experiência foi a inspiração para muitas das músicas que compôs nos anos seguintes, demonstrando como o seu espírito positivo e criativo transformava dificuldades em motivações.

Com o seu meio-irmão Bunny, **Bob Marley** começou a improvisar guitarras feitas de lata, tentando imitar as tendências musicais que chegavam dos EUA. Ray Charles, Fat Domino e Brook Benton eram alguns dos nomes preferidos do jovem que sonhava ser uma estrela da música R&B. Em 1963, **Bob Marley** formou os The Wailing Wailers ao lado de Bunny e Peter Tosh. O nome Wailing Wailers derivava de "wail", que significa lamento, e pretendia homenagear todos os jovens que nasciam no gueto e lamentavam a situação em que viviam.

Começava a carreira da banda que iria tornar os géneros reggae, ska e rocksteady conhecidos em todo o mundo. Mas a música jamaicana apenas passou a ter uma identidade distinta e um porta-voz assumido a partir do momento em que o caminho de **Bob Marley**, já convertido ao movimento

rastafári, se cruzou com Chris Blackwell, um jamaicano branco, que tinha fundado a editora Island Records na Jamaica ainda no final dos anos 50. Sob a orientação de Chris Blackwell, **Bob Marley** e os seus Wailers alcançaram sucesso à escala global através de discos clássicos intemporais, como "Catch a Fire" (1973), "Natty Dread" (1974), "Rastaman Vibration" (1976), "Exodus" (1977), "Kaya" (1978), "Survival" (1979), "Uprising" (1980) e "Confrontation" (1983), sempre acompanhados por digressões mundiais.

O ritmo e exotismo da forma de cantar de **Bob Marley**, assim como as suas mensagens de paz e protesto social, eram bastante contrastantes com as músicas que ocupavam os tops de todo o Mundo na década de 70. Mas tornaram-se muito importantes para a cultura pacifista que proliferou à posteriori. Após lutar activamente pela união dos políticos do seu país em prol da paz, **Bob Marley** foi alvo de uma brutal tentativa de assassinato em 1976, sendo baleado várias vezes. Sobreviveu miraculosamente e conseguiu pouco tempo depois unir os principais opositores políticos num palco! Após uma carreira curta mas cheia de música, viagens e emoções, **Bob Marley** foi diagnosticado com uma espécie rara de cancro de pele, derivada de um ferimento anterior num dedo do pé. Após receber tratamentos na Alemanha, os médicos informaram-no que não havia solução. **Bob Marley**, decidido a regressar à Jamaica para morrer, acabou por falecer em 1981 em Miami durante a viagem. Tinha apenas 36 anos...





Mick Jagger



TODOS SABEM QUE MICK JAGGER É O VOCALISTA DOS THE ROLLING STONES. NO ENTANTO, SERÁ QUE SABIA QUE ANTES DE DAR O SEU ENORME CONTRIBUTO À HISTÓRIA DA MÚSICA, O MAIS FAMOSO FRONTMAN DA HISTÓRIA DO ROCK ESTUDOU NA ESCOLA DE ECONOMIA DE LONDRES?

É verdade. A ideia era que o jovem Michael seguisse o mesmo percurso profissional trilhado pelo pai e pelo avô, ambos professores. No entanto, **Mick Jagger** não se resignou ao futuro mediano que lhe era imposto e decidiu em 1963 enveredar definitivamente pelo mundo da música.

Pouco tempo depois quebrou barreiras, desafiou convenções e começou a criar o arquétipo de 'estrela de rock' como conhecemos ainda hoje. Mas como é que um miúdo da classe média inglesa concebeu uma nova linguagem que se tornou universal? Nascido em 1943, **Mick Jagger** tem vindo a confirmar que o seu amor pela música esteve sempre lá, mesmo quando era pequeno. "Eu era uma dessas crianças que adorava cantar", revelou o cantor inglês no livro "According to the Rolling Stones".

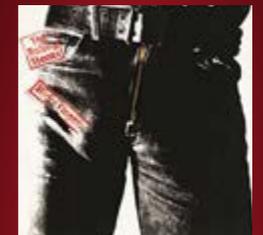
Como é óbvio, o grupo histórico constitui um capítulo importante na vida de **Mick Jagger**: são mais de 50 anos (meio século) a liderar a banda de rock mais bem sucedida de sempre! Em termos de longevidade, os The Rolling Stones batem toda a concorrência. Mas em termos de qualidade são também muitos os que consideram **Mick Jagger** e seus pares inultrapassáveis.

Desde o famoso reencontro do adolescente **Mick Jagger** com o ex-colega de escola Keith Richards até ao lançamento de 29 álbuns de estúdio e 13 álbuns ao vivo, além de um sem-número de concertos por todo o Mundo, os The Rolling Stones sobreviveram a todos os percalços e modas. Curiosamente, a principal força motora de um dos maiores tesouros culturais de Inglaterra foi, desde o início dos anos 70, **Mick Jagger** que com a sua visão estratégica, artística e

até empresarial, levou a banda de década em década, século a século, mantendo-se a fazer música incrível. Charlie Watts, o baterista dos Stones, explica melhor do que ninguém porquê: "O Mick não se importa com o que aconteceu ontem. Só se importa com o amanhã". Acima de qualquer outra adjetivação, **Mick Jagger** é inimitável. Mais do que qualquer outro, o cantor inglês criou o conceito de 'estrela rock' em oposição ao mero cantor de uma banda, destacando-se dos seus parceiros musicais. Quem outro artista conseguiria persuadir 250 mil pessoas no Hyde Park a ficarem em silêncio para ler o poema 'Adonais' de Shelley?

Além da grande voz e do estilo inconfundível enquanto performer, **Mick Jagger** colecionou polémicas públicas e outras menos conhecidas (foi casado 2 vezes e é pai de 7 filhos de 4 mulheres diferentes), tentou uma carreira a solo e buscou uma alternativa criativa no cinema, chateou-se inúmeras vezes com Keith Richards e fez as pazes outras tantas, mas nunca parou, nem estagnou, enquanto persona artística, demonstrando uma jovialidade física e emocional que faz inveja a qualquer mortal.

Para muitos, **Mick Jagger** personifica ainda a década de 60, incluindo todo o fascínio e fantasia que isso implica, mas na verdade ele manteve-se sempre como um homem do seu tempo, sem perder a noção de qual era o seu papel na cultura universal. E manteve-se na liderança da banda mais lucrativa da história da música até hoje.





David Bowie



NÃO É POR ACASO QUE DAVID BOWIE É CONHECIDO PELO COGNOME DE CAMALEÃO. MAIS DO QUE UM MERO CANTOR, DAVID BOWIE PROVOU AO LONGO DA SUA CARREIRA QUE A TEATRALIDADE NA MÚSICA É UM MEIO PODEROSO PARA CONTAR HISTÓRIAS, CRIAR RELAÇÕES, CANTAR CANÇÕES E TRANSMITIR EMOÇÕES.

A maioria dos seus grandes êxitos possuem uma persona específica por detrás da voz, um alter ego que se reproduz tanto na música como nas diferentes personagens que assumiu em palco ao longo da carreira. Mas qual foi o caminho de **David Bowie** até ao reconhecimento mundial como uma das melhores vozes de sempre?

Estamos no início de 1947, mais precisamente no dia 8 de janeiro. Em Brixton, nos limites de Londres (Inglaterra), Margaret e John Jones tornam-se pais de David. O rapaz rapidamente ganha boa reputação na escola, considerado por professores e amigos como uma criança talentosa, com uma inteligência e mentalidade únicas. Mais tarde, **David Bowie** começa a frequentar a Burnt Ash Junior School, onde surge uma oportunidade para se estrear no mundo da música: o coro da escola.

Dança, teatro e música foram competências que fizeram parte da educação de **David Bowie**. Impactado por artistas como Elvis Presley e Little Richard começou a atuar perante um público variado. Colegas do seu grupo de escuteiros recordam que tais apresentações eram memoráveis e pareciam ser feitas por alguém vindo de outro planeta... O amor pelo jazz moderno surgiu quando entrava na adolescência e foi suficiente para que a mãe consentisse em pagar-lhe aulas de saxofone. Contudo em 1961 surgiu um imprevisto.

Em plena adolescência ficou ferido num olho após uma luta com um colega da escola por causa de uma rapariga. O resultado foi 4 meses de internamento hospitalar e uma série de operações. O olho nunca ficou totalmente recuperado e a pupila é ainda hoje mais dilatada do que o normal, sendo também de outra cor do

olho original. Contudo, nada iria impedir **David Bowie** de se tornar em breve uma das maiores referências culturais do mundo da música.

Em 1967 e com apenas 20 anos editou o seu primeiro álbum de título homónimo. O disco no entanto não registou grande sucesso e, por isso, **David Bowie** refugiou-se no estudo de artes dramáticas, onde procurava encontrar o meio de expressão ideal para encaixar na sua personalidade multi-facetada. Com a ajuda da dançarina Lindsay Kemp, aprendeu a exteriorizar toda a imaginação e extravagância que sentia, formando a personalidade camaleónica que iria levá-lo ao êxito absoluto.

O resultado final foi demonstrado dois anos mais tarde, em 1969, com o lançamento do seu segundo álbum: "Space Oddity" (que convenientemente coincidiu com a chegada do homem à Lua). Este foi o disco que estabeleceu a base para a carreira de sucesso que se seguiu e ainda continua com vigor. Além de uma voz notável, **David Bowie** é também um compositor de alta qualidade, conforme demonstrou de forma soberba em discos clássicos como "The Man Who Sold the World" (1970), "Hunky Dory" (1971), "The Rise and Fall of Ziggy Stardust and the Spiders from Mars" (1972), "Aladdin Sane" (1973) e "Heroes" (1977). As metamorfoses podem ter ficado para trás, mas **David Bowie** continua a ser uma referência de estilo e elegância, sendo venerado, imitado e idolatrado por milhões de seguidores em todo o Mundo.





Robert Plant



ROBERT PLANT É UMA DAS MAIORES INFLUÊNCIAS DE OUTROS GRANDES NOMES DA MÚSICA, COMO FREDDIE MERCURY, DAVID LEE ROTH, AXL ROSE, CHRIS CORNELL OU JEFF BUCKLEY.

A voz poderosa por detrás de temas clássicos como “Stairway to Heaven”, “Good Times, Bad Times” e “Whole Lotta Love” nasceu em Staffordshire (Inglaterra) e começou o seu percurso musical muito jovem, quando tinha apenas 16 anos de idade. Inspirado por Elvis Presley, **Robert Plant** decidiu deixar a escola para prosseguir uma carreira como músico.

Em 1968, o artista foi descoberto por Jimmy Page. Na altura, o guitarrista e compositor estava à procura de um vocalista para um nova banda que se iria chamar New Yardbirds. Contudo, pouco tempo depois, o grupo mudou o nome para Led Zeppelin e começou a história de uma das bandas que revolucionaram o mundo da música.

1969 foi o ano do primeiro álbum. Apesar de não ser um sucesso entre a crítica, “Led Zeppelin I” foi capaz de chamar a atenção do público, que parecia especialmente interessado na guitarra de Jimmy Page e na voz peculiar de **Robert Plant**, cujos agudos estridentes ressoavam com estrondo nas mentes dos ouvintes. No mesmo ano, saiu “Led Zeppelin II”, que incluía os temas “Whole Lotta Love” e “Ramble On”.

Disco após disco, digressão atrás de digressão, a banda foi conquistando novos fãs com temas como “Immigrant Song” e “Stairway to Heaven”, além de muitas outras canções que ainda hoje são veneradas por qualquer amante da música rock. Nada parecia parar os Led Zeppelin quando, em 1977, uma tragédia ocorreu. O filho de **Robert Plant**, com apenas 6 anos de idade, faleceu devido a uma infeção viral no estômago. Como resultado, a digressão desse ano foi cancelada e a banda entrou num hiato temporário. O regresso deu-se um ano e meio depois, altura em que começaram as gravações de “In Through the Out Door”.

Contudo, uma nova tragédia abateu-se sobre o grupo em 1980. O imparável John Bonham, baterista dos Led Zeppelin, faleceu subitamente, provocando a dissolução do grupo.

Em 1982, **Robert Plant** decidiu começar a carreira a solo. Desde então, já gravou 15 álbuns e fez várias tournées à volta do mundo. Por vezes é acompanhado pelo amigo Jimmy Page, recriando com novas roupagens clássicos dos Led Zeppelin, cujos pedidos insistentes de reunião raramente deram frutos. Em 1985, os três membros ainda vivos da banda juntaram-se para um concerto de beneficência do Live Aid. Em 2007, reuniram-se novamente, desta vez para angariar dinheiro para o Ahmet Ertegun Education Fund. Mas desde então os Led Zeppelin não voltaram a actuar.

Além de ser uma banda constituída por músicos brilhantes, o grupo inglês ultrapassou barreiras estilísticas, fundindo rock com blues numa versão mais agressiva do que o habitual, criando assim um novo género musical (o heavy metal) numa combinação explosiva que produziu alguns dos melhores discos de sempre da música. O êxito e o reconhecimento dos Led Zeppelin foi tal que ainda hoje **Robert Plant** é considerado o melhor vocalista de metal de sempre. O mais notável é que o cantor nunca se resignou ao seu estatuto de culto, permanecendo activo musicalmente de forma profícua enquanto artista a solo nos tempos actuais.





**PRINCE É UM DOS MAIORES GÊNIO
CRIATIVOS DO SÉCULO XX, PELA SUA
CAPACIDADE DE REINVENÇÃO DE GÊNEROS,
FUSÃO DE ESTILOS E, SOBRETUDO,
PELA SUA MUSICALIDADE INATA.**

É verdade que mudou o nome para um símbolo impronunciável (♯), mas acabou por voltar ao original. É verdade também que já não edita discos com a regularidade de outros tempos. Mas para a história da música, **Prince** será sempre **Prince**, mesmo que nunca mais registre em qualquer gravação o seu génio e talento avassalador.

E embora o nome seja realmente pequeno, a verdade é que o artista norte-americano é

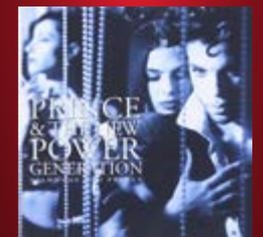
sinónimo de uma diversidade musical tão grande que é difícil escolher um só género em que possa enquadrar. Funk, rock, soul, jazz, pop, R&B: **Prince** não é nada disto mas é ao mesmo tempo uma mistura de todos eles. Se não acredita, basta recuar no tempo e tentar encontrar semelhanças entre temas como “Purple Rain”, “Kiss”, “F.U.N.K.” ou “Diamonds and Pearls”. O que há em comum? Todos têm a assinatura de **Prince**.

Nascido em 1958, na cidade de Minnesota (EUA), **Prince** mostrou aptidão precoce para a música, mas a estreia profissional aconteceu apenas aos 19 anos. Depois de experiências com a banda dos primos, o artista editou finalmente o seu primeiro álbum. “For You” foi lançado em 1978 e, embora não seja de longe o seu maior sucesso, vendeu cerca de 430 mil cópias em todo o mundo. Foi o primeiro gosto do êxito que motivou **Prince** para apostar em definitivo na carreira como compositor e cantor. Desde então, nunca mais parou.

Assumido devoto de James Brown, Stevie Wonder e Sly Stone, **Prince** destacou-se não apenas como cantor, mas também como multi-instrumentista. Não há como falar de **Prince** sem referir “Purple Rain”. O álbum de 1984 foi responsável pelo aumento da visibilidade do artista e serviu de banda sonora para um filme com o mesmo nome. Atualmente, “Purple Rain” está no Rock and Roll Hall of Fame, sendo considerado

como um dos 200 melhores álbuns de sempre. Mas existem muitos mais discos memoráveis: “Sign o’ the Times” (1987), “Diamonds and Pearls” (1991), “Love Symbol Album” (1992), “Come” (1994) e “Chaos and Disorder” (1996) são apenas alguns exemplos de momentos geniais. Se durante a década de 80 **Prince** rivalizava com Michael Jackson, na década de 90 já não havia rivalidade possível com nenhum outro artista de soul, funk ou R&B, principalmente nos anos em que gravou com a banda New Power Generation. Contudo, ele não queria apenas fazer música, queria em simultâneo controlar o acesso à sua própria arte. Por isso mesmo, **Prince** assumiu-se também como combatente em nome da liberdade musical, iniciando uma dura batalha contra a sua editora e os seus contratos restritivos.

Toda essa batalha esvaziou a sua criatividade durante anos de desgaste público. Inconfundível e sempre polémico, **Prince** nunca deixou de ser notícia. As letras provocantes e as sucessivas transformações suscitaram o interesse não só dos media, como também do público. As mudanças de visual refletiram-se em transformações musicais aclamadas pela crítica. Ainda assim, o facto é que **Prince** nunca deixara de ser **Prince**. Atualmente, o cantor é reconhecido como uma das melhores vozes de sempre, figurando na lista dos 100 melhores artistas da revista Rolling Stone. E até aos dias de hoje, **Prince** continua a ser sinónimo de inovação, mudança e criatividade.





Tom Waits



AO OLHARMOS PARA A CARREIRA DO ARTISTA NORTE-AMERICANO TOM WAITS IDENTIFICAMOS DE IMEDIATO UMA PERSONALIDADE ÍMPAR NO MUNDO DA MÚSICA.

Compositor, instrumentista, vocalista e até mesmo ator: **Tom Waits** trouxe um grande contributo ao mundo da música e das artes com o seu estilo refinado, numa mistura de beatnik com trovador jazz que seduz pelas palavras, postura e, sobretudo, um estilo indescritível.

Nascido em 1949 na Califórnia (EUA), viveu em Whittier com a mãe, depois do divórcio dos pais. Mais tarde, mudou-se para Chula

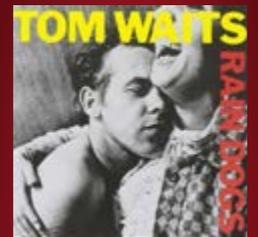
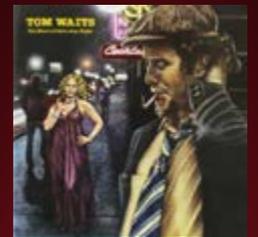
Vista, em San Diego County. Por essa altura, já tinha aprendido a tocar piano na casa de um vizinho mas (como contou em várias entrevistas) o verdadeiro amor pela música nasceu nas viagens que fez com o pai ao vizinho México. Os sons que emanavam do rádio enquanto viajava de carro na companhia do pai foram memórias determinantes para a sua carreira.

Em meados de 1965, começou a frequentar a Hilltop High School, onde integrou na banda The Systems, de soul e R&B. Entretanto, à medida que ia aperfeiçoando os seus dotes musicais, teve trabalhos mais comuns, nomeadamente numa pizzeria – sobre a qual escreveu as músicas “I Can’t Wait to Get Off Work (And See My Baby on Montgomery Avenue)” e “The Ghosts of Saturday Night (After Hours at Napoleone’s Pizza House)”. A chegada dos anos 70 abriu definitivamente um novo capítulo na história de **Tom Waits**. Por esta altura, trabalhava como porteiro num clube noturno em San Diego. Era um local frequentado por artistas de diferentes géneros. Entre atuações, ele foi encontrando a sua inspiração e definindo o estilo que queria criar com a sua música. Aos 22 anos, assina com a Asylum Records. O seu primeiro álbum “Closing Time” é lançado no ano seguinte. Desde então começou uma viagem musical que conduziu **Tom Waits** ao reconhecimento global.

A sua voz única foi-se transformando ao longo dos tempos, desde a sonoridade

limpa das primeiras gravações até às canções depuradas com expressão gutural que demonstrou nas últimas décadas. Essa mesma voz foi descrita uma vez pelo crítico Daniel Durcholz como se tivesse sido “embebida em bourbon, pendurada num defumadouro durante alguns meses e de novo retirada para ser atropelada por um carro”. Com uma rouquidão carismática, **Tom Waits** incorpora na sua música um estilo vívido de blues, jazz e vaudeville, assim como experimentalismos inauditos na indústria musical. Mas ele é acima de tudo um contador de histórias, bem ao jeito de Jack Kerouac ou Bob Dylan, que são duas das suas maiores influências. Aliás, rephraseando, **Tom Waits** é um soberbo contador de histórias, às quais imprime um tipo de interpretação peculiar e distinta. Desde o drama até ao humor, passando pelos desgostos amorosos ou pela tragédia da guerra, **Tom Waits** consegue abordar qualquer assunto e revolvê-lo de tal maneira que construiu uma carreira inteira baseada em canções sobre sentimentos, emoções, sensações e muita classe musical.

Até 2015, **Tom Waits** lançou 16 álbuns de estúdio e 3 discos ao vivo, participando em muitos mais no formato de compositor, colaborador ou produtor. No total recebeu 10 discos de ouro pela sua obra. Mas a sua presença nas artes vai muito mais além disso: participou em filmes como ator e compositor, criou com a sua mulher peças de teatro e nunca ficou parado para gáudio de todos os seus fãs, sendo alvo de um culto intenso que alimenta com mestria.





Bruce Springsteen



NENHUMA LISTA DAS MAIORES VOZES DA HISTÓRIA DA MÚSICA ESTARIA COMPLETA SEM BRUCE SPRINGSTEEN. ATÉ À DATA, THE BOSS JÁ GRAVOU UM TOTAL DE 18 ÁLBUNS DE ESTÚDIO E RECEBEU 20 GRAMMYS, 4 AMERICAN MUSIC AWARDS, 2 GLOBOS DE OURO E 1 OSCAR (COM A CANÇÃO “STREETS OF PHILADELPHIA”).

Aliás, o nome de **Bruce Springsteen** não só está gravado no Rock and Roll Hall of Fame, como também no Songwriters Hall of Fame. “Born in USA” e “Born to Run” foram dois dos trabalhos com mais sucesso do artista, cuja música retrata tradicionalmente

o modo de vida norte-americano e um certo modo de agir e pensar. E quem melhor do que **Bruce Springsteen** para falar deste tema?

Natural de Nova Jérсия (EUA), **Bruce Springsteen** é filho de uma secretária e de um camionista que esteve muitas vezes desempregado. Descendente de imigrantes de ascendência italiana, irlandesa e holandesa, o jovem cresceu no seio de uma família católica que vivia com algumas dificuldades. A primeira guitarra foi oferecida pela mãe quando tinha apenas 13 anos. Alguns anos depois, o jovem conheceu um casal que ajudava músicos locais e foi então que integrou os The Castiles.

Depois de tocar em vários bares e de participar em diferentes bandas, **Bruce Springsteen** conseguiu finalmente um contrato com a Columbia Records, a mesma editora com que Bob Dylan tinha trabalhado. “Greeting from Asbury Park, NJ” saiu em 1973 e foi o álbum de estreia do artista. Depois de um sucesso inicial mediano, foi a vez do jovem conquistar o grande público com “Born to Run”. Lançado em 1975, o disco retratava a situação dos veteranos de guerra do Vietname, sendo responsável pela ascensão de

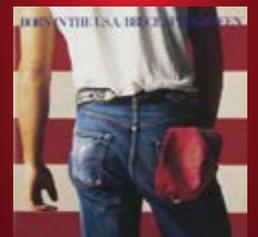
Bruce Springsteen, dando início a uma fase de grande sucesso comercial e artístico. Com a edição de discos históricos como “Darkness on the Edge of Town” (1978), “The River” (1980), “Nebraska” (1982), “Born in the USA” (1984), “Tunnel of Love” (1987),

“Human Touch” (1992), “Lucky Town” (1992) e “The Ghost of Tom Joad” (1995), The Boss (acompanhado pela sua sua banda E Street Band) cimentou um lugar de topo na hierarquia da música, ascendendo a uma posição da qual ainda hoje não saiu.

Entre gravações e sempre enérgicas performances ao vivo, **Bruce Springsteen** pautava pelo entusiasmo com que se apresentava e pela posição de ativista que era cada vez mais evidente. Apesar da conquista do Oscar com a música do filme “Philadelphia”, os anos 90 foram mais discretos. A expressão musical do seu lado mais intimista não teve tão boa aceitação pelo público como a crítica social feroz que emanavam dos registos clássicos.

Bruce Springsteen considera até que estes foram os “anos perdidos” da sua carreira, mas a verdade é que nunca deixou de criar música com selo de qualidade acima da média.

O regresso à ribalta deu-se em 1999, altura em que iniciou uma tournée a propósito da indicação para o Rock and Roll Hall of Fame. Seguiram-se mais quatro discos: “The Rising” (2002), “Devil and Dust” (2005), “We Shall Overcome: The Seeger Sessions” (2006) e “Magic” (2007). Em 2008, **Bruce Springsteen** apoiou publicamente Barack Obama, cantando “Working on a Dream” num dos comícios. “High Hopes” (2014) é o seu trabalho mais recente e dá continuidade a uma longa carreira de sucesso que transformou um jovem de New Jersey num dos maiores símbolos da cultura norte-americana.





Michael Jackson



AO FALARMOS DE LENDAS DO MUNDO DA MÚSICA E DE VOZES QUE MUDARAM A HISTÓRIA TEMOS OBRIGATORIAMENTE DE MENCIONAR MICHAEL JACKSON. COM UMA VOZ ÚNICA, UM TALENTO INCRÍVEL PARA A DANÇA E O MAIS VARIADO LEQUE DE ESCÂNDALOS ASSOCIADOS À SUA VIDA, MICHAEL JACKSON CONTINUA A SER CONSIDERADO REI DA POP.

Todavia, qual é a história do cantor que, de acordo com a revista Rolling Stone, faturou em vida cerca de sete bilhões de dólares, tornando-se o artista mais rico de sempre?

1958, cidade de Gary, Indiana (EUA). Uma tradicional família afro-americana vê nascer o seu oitavo filho, Michael. A veia musical corria nos genes: a mãe, Katherine, tinha desistido de seguir uma carreira musical,

mas sabia tocar clarinete e piano; o pai, Joe, trabalhava numa fábrica de ferro e era membro de uma banda local de R&B. A ambição para que os filhos enveredassem pelo mundo da música não tardou a chegar. Joe formou os The Jackson 5 constituída por Michael e pelos seus irmãos Jackie, Tito, Jermaine e Marlon. Debaixo da supervisão paterna, os cinco irmãos começaram a ganhar concursos de talentos. O grupo notabilizou-se e assinou contrato em 1969 com a mais poderosa editora de música negra da época: a Motown Records. O jovem Michael, considerado um “menino prodígio”, destacou-se (e muito) durante o auge da carreira dos The Jackson 5, mesmo sendo o mais novo de todos os irmãos. Em pouco tempo, Michael Jackson era uma estrela reconhecida em todos os cantos dos EUA, sentindo em simultâneo o prazer de cantar, mas também as amarguras próprias de quem tinha de corresponder ao máximo às exigências da editora, digressões, gravações e, sobretudo, sobreviver aos maus tratos infligidos pelo pai.

Não foi por acaso que **Michael Jackson** desenvolveu alguns anos mais tarde o síndrome de Peter Pan que iria estar na base da sua vida atribulada enquanto adulto. Importa lembrar que começou o seu percurso musical quando era ainda uma criança de apenas 5 anos. E que passou de estrela infantil a cantor adolescente num

instante. Na verdade, tornou-se o ídolo maior de uma nova geração de jovens, passando ele próprio a desejar liberdade criativa, individual e artística de forma feroz. O arranque da carreira a solo foi prometededor: o álbum “Off the Wall” (1979) conseguiu alcançar o top 3 na Billboard e vendeu mais de 20 milhões de cópias. Mas **Michael Jackson** atingiu o cume com “Thriller” (1982), que continua a ser o disco mais vendido de sempre com 42 milhões de cópias! Porém, a vida posterior de **Michael Jackson** foi marcada por isolamento, loucura, polémicas e escândalos. Além dos julgamentos sobre a alegada pedofilia, ainda hoje se debate a misteriosa mudança na cor de pele do artista. Foi resultado de uma operação de estética ou efeitos de vitiligo, uma doença caracterizada pela perda de pigmentação na pele?

No dia 25 de junho de 2009, **Michael Jackson** morreu na sua mansão em Los Angeles. A notícia espalhou-se num ápice, provocando enorme comoção entre os seus admiradores e um impacto tremendo na Internet: cerca de 5000 tweets por minuto referiam **Michael Jackson** naquele dia! O Google chegou a bloquear a pesquisa pelo nome do artista durante 30 minutos, acreditando que o volume de pesquisas correspondia a um ataque hacker. Mas não era um ataque de piratas informáticos: era a manifestação gigantesca de surpresa, curiosidade e tristeza de milhões de seguidores que queriam confirmar a morte de uma das vozes mais amadas da história da música.





APOSTAMOS QUE SE DE REPENTE LHE PERGUNTARMOS QUEM É PAUL DAVID HEWSON TALVEZ NÃO TENHA A RESPOSTA PRONTA. NO ENTANTO, GARANTIMOS COM TODA A CERTEZA QUE CONHECE ESTA PESSOA. QUEM É QUE NUNCA OUVIU OS U2, LIDERADOS PELA VOZ ÚNICA DE BONO VOX? CLARO QUE O CANTOR IRLANDÊS TAMBÉM TEM UM LUGAR RESERVADO NA LISTA DAS 25 VOZES QUE MUDARAM A HISTÓRIA DA MÚSICA.

Compositor, letrista, filantropo, produtor e cidadão do mundo: eis **Bono Vox**, o homem que escreve e dá voz às músicas dos U2.

Nascido a 10 de maio de 1960, em Dublin (Irlanda), Paul David Hewson cresceu nos

subúrbios de Finglas, com os pais e o irmão (8 anos mais velho). Aos 14 anos um evento dramático mudou a vida de toda a família: a mãe morre vítima de um aneurisma cerebral durante o funeral do avô de **Bono Vox**. Após a recuperação deste evento trágico começou a estudar na Mount Temple Comprehensive School, um capítulo que viria a marcar para sempre o seu futuro e carreira. Foi aí que conheceu alguns dos seus amigos mais próximos e formou o gang Lypton Village, onde cada membro tinha um nome alternativo. O de Paul David Hewson foi, naturalmente, **Bono Vox**. Mas foi uma escolha à toa? Não, as palavras derivam do latim e significam “Boa Voz”, numa opção profética que anos mais tarde seria assimilada por todo o Mundo.

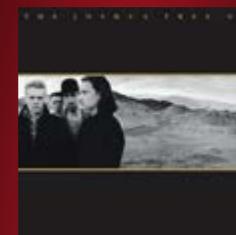
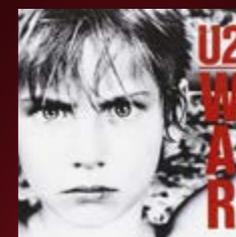
O nome ficou mesmo quando, em 1975, se formaram os U2. Embora possa parecer estranho e simples demais, tudo começou com um anúncio afixado num painel de informações da escola. Larry Mullen Jr. queria formar uma banda de rock. Bono, interessado desde sempre por música, respondeu ao anúncio... e não foi o único. Também David Evans, mais conhecido por The Edge, Dik Evans e Adam Clayton decidiram participar no grupo.

Como tantas outras bandas, começaram a ensaiar nos tempos livres e a fazer covers de músicas famosas. Em 1978, Dik Evans deixou a banda e os restantes

membros assumem-se no palco como os U2, inspirados pelo avião espião norte-americano do tempo da Guerra Fria. E depois iniciaram a criação de um repertório que moldou a história da música, através da edição de discos intemporais, como “Boy” (1980), “October” (1981), “War” (1983), “The Unforgettable Fire” (1984), “The Joshua Tree” (1987), “Rattle and Hum” (1988) e “Achtung Baby” (1991). O sucesso comercial foi tão grande, que as digressões dos U2 foram crescendo ano após ano. Na verdade, a banda irlandesa sobreviveu a todas as modas, através da sua reinvenção constante, que nunca colocou em causa a essência da sua arte. A partir da década de 90, os U2 tornaram-se também na banda ao vivo mais rentável do planeta, competindo apenas com os The Rolling Stones nesse patamar.

Além da música, **Bono** é também conhecido pelo seu apoio a inúmeras causas sociais, sobretudo através de organizações que apoiam África e a luta contra o aquecimento global. Para terminar, uma curiosidade: porque razão **Bono** usa sempre óculos de sol? Mais do que vaidade e uma questão de estilo, os óculos servem para proteger os olhos do artista, uma vez que sofre de glaucoma, uma doença que afeta o campo visual e pode terminar em cegueira. Portanto, nem tudo é show business em Bono, pelo contrário: é uma personalidade artística que tanto aborda temas pessoais como exprime fortes preocupações sócio-políticas através de música apaixonada, espiritual e transcendente.

Bono Vox





Kurt Cobain



KURT COBAIN FOI E SERÁ PARA SEMPRE UMA LENDA DA CULTURA POP/ROCK. A SUA CARREIRA MUSICAL, MESMO QUE TERMINADA DE FORMA ABRUPTA E PRECOCE, FOI MARCADA POR UMA FEROCIDADE QUE REVOLUCIONOU O MUNDO DA MÚSICA.

Ainda hoje, **Kurt Cobain** é lembrado por ter transformado a angústia do punk rock em música pop como nunca antes tinha sido visto... ou melhor, ouvido. Considerado como “emocionalmente versátil”, o líder dos Nirvana reflecte também uma pesada herança deixada pela música rock, blues e folk.

É um facto reconhecido de que para uma pessoa se tornar uma ‘estrela’ tal como a concebemos não basta ter talento ou génio, por vezes parece ser necessário

também possuir um vazio interior negro e profundo. O problema é que as ‘estrelas’ não são seres divinos, mas sim homens e mulheres falíveis, que muitas vezes vivem atormentados por demónios e inseguranças à vista desarmada do público. Em muitos casos, o sucesso comercial representa em simultâneo o início do período de declínio pessoal, por norma envolvendo drogas e álcool. No mundo do entretenimento foram muitas as personalidades artísticas de outras áreas que confirmaram esta tendência, como Charlie Chaplin, Marilyn Monroe, Édith Piaf, Jimi Hendrix, Jim Morrison ou Amy Winehouse. Infelizmente para todos os que adoravam ouvir novas músicas dos Nirvana, **Kurt Cobain** pertence a esta categoria de artistas.

Mas qual é a história de **Kurt Cobain** e porque razão criou um vazio interior tão intenso que o levou a terminar com a própria vida? O músico norte-americano nasceu a 20 de fevereiro de 1967 numa família simples da classe média. Os que se lembram dele em criança recordam que era muito criativo e que enchia as paredes do quarto com desenhos da Disney. Isto para não falar, claro, do facto de ter começado a tocar piano com 4 anos. No entanto, um acontecimento veio mudar a vida de **Kurt Cobain** quando tinha apenas 11 anos: os pais divorciaram-se. Anos mais tarde, o cantor falou desta época com mágoa, confessando sentir vergonha pelo fim do casamento dos pais.

Foi nesta fase também que se tornou mais insolente, desenvolvendo um espírito crítico, sarcástico e irónico que mais tarde seria usado na criação de músicas e letras dos Nirvana. Os registos dizem que chegou mesmo a frequentar terapeutas, após ter atacado vários colegas na escola.

Pouco depois conheceu Krist Novoselic e focou a sua atenção na música. Por esta altura, o jovem **Kurt Cobain** já tocava guitarra elétrica (uma prenda que recebeu aos 14 anos) e ansiava por criar uma banda. Assim nasceram os Nirvana. Em 1988, o grupo regista as suas primeiras demos e é lançado o single “Love Buzz”, que causou sensação imediata em Seattle. O trio tornou-se rapidamente uma banda de culto na cidade, alcançando um sucesso moderado com o disco “Bleach” (1989). Contudo, foi com o mítico álbum “Nevermind” (1991) que **Kurt Cobain** iniciou a escalada para o sucesso global e se tornou um ícone universal.

Considerado o disco mais importante da década de 90, “Nevermind” constitui um ponto de viragem na história da música. Muito do êxito do disco vem naturalmente da voz de **Kurt Cobain**, que verbalizou o mesmo vazio interior negro que sempre sentiu durante toda a vida. Todavia, desta vez encontrou ressonância em muitos milhões de pessoas. Perante tamanho sucesso e exposição pública, **Kurt Cobain** iniciou a rota de descida, tendo apenas gravado mais um álbum (“In Utero”) antes de cometer suicídio em 1994, entrando em definitivo nos anais da História da Música.





QUANDO UMA VEZ PERGUNTARAM A DAVE GROHL (EX-BATERISTA DOS NIRVANA E ACTUAL LÍDER DOS FOO FIGHTERS) SE CONHECIA ALGUM DISCO NAS ÚLTIMAS DÉCADAS QUE TENHA TIDO TANTA INFLUÊNCIA COMO “NEVERMIND”,

A RESPOSTA FOI ELOQUENTE:

“CLARO QUE SIM, BRINCAS?! SABES QUANTA GENTE CANTA COMO O EDDIE VEDDER HOJE EM DIA? DEPOIS DOS NIRVANA, NÃO OUVI MUITAS BANDAS A SOAR COMO NÓS. OUVI FOI MUITAS BANDAS A SOAR AOS PEARL JAM.”

Dave Grohl falava indirectamente de “Ten”, o disco que catapultou os Pearl Jam e **Eddie Vedder** para o reconhecimento global. Lançado em 1991, “Ten” vendeu mais de 10 milhões de cópias e foi apenas o primeiro de muitos discos que **Eddie Vedder** criou com a banda de Seattle. A observação de Dave Grohl encerra em si mesma um paradoxo no sucesso alcançado pelo vocalista. Se a influência de um cantor se medisse pela legião de fãs e bandas que posteriormente mostraram veneração ao seu estilo, então **Eddie Vedder** seria quase imbatível. Seja como for, o vocalista dos Pearl Jam é uma das vozes mais influentes da sua geração e existem boas razões para isso.

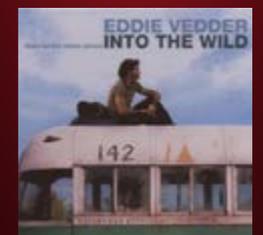
Mas, tal como Kurt Cobain, o vocalista dos Pearl Jam nunca esteve preparado para o êxito global que conseguiu alcançar em tão curto espaço de tempo no início da década de 90. Também rejeitou o epíteto de voz de uma geração, embora essas escolhas nunca fiquem a cargo dos artistas. Na verdade, **Eddie Vedder** foi e ainda é um cantor excepcional, cujo estilo marcou não apenas uma, mas várias gerações. A solo ou com os Pearl Jam, **Eddie Vedder** é por isso um velho conhecido do público, sendo muito mais do que a voz inconfundível por detrás de álbuns icónicos.

Edward Louis Severson III nasceu em 1964 na cidade de Chicago, Illinois. Filho de pais separados, Edward cresceu

a acreditar que era filho de um homem que, afinal, era seu padrasto. Apenas na adolescência descobriu quem era o seu verdadeiro progenitor, que por essa altura já tinha falecido. O período conturbado fez com que o vocalista se refugiasse na música e no surf. E foi provavelmente nessa altura que se definiu uma personalidade intrigante que motivou tantos seguidores anos depois. Autor de letras emocionais e performances enérgicas em palco, **Eddie Vedder** conseguiu tocar no coração e espírito de milhões de pessoas através de uma postura autêntica e despreziosa, que marca de forma indelével o repertório dos Pearl Jam e do cantor nos discos a solo que já editou.

A revista Rolling Stone afirmou uma vez que **Eddie Vedder** impactou tanta gente ao longo dos anos porque deu voz aos medos, raivas e paixões de uma geração. Felizmente, foi muito mais além: conseguiu sempre trazer alguma luz dentro da escuridão para várias gerações através de músicas que não são de todo depressivas, nem angustiadas. Existem muitas análises filosóficas sobre a importância das letras de canções intemporais (como “Alive”, “Black”, “Even Flow”), mas se algo define a música de **Eddie Vedder** julgamos ser a capacidade de fazer rock simples e honesto às suas convicções, original e autêntico. Acima de tudo, o vocalista dos Pearl Jam reinventa-se a cada disco, sem mudar o essencial da sua personalidade. Tal e qual como escreveu na canção “Elderly Woman Behind The Counter In A Small Town”: “I changed, by not changing at all”.

Eddie Vedder



Mike Patton



SE ALGUMA VEZ ASSISTIU AO FILME “EU SOU A LENDA” COM O ACTOR WILL SMITH SABE QUE OS MONSTROS ERAM NO MÍNIMO ASSUSTADORES. O QUE TALVEZ NÃO SAIBA É QUE TODOS OS SONS EMITIDOS PELOS ZOMBIES QUE PERSEGUIAM O ÚLTIMO HOMEM À FACE DA TERRA SÃO DA AUTORIA DE... MIKE PATTON.

Essa colaboração foi apenas mais uma demonstração da versatilidade do cantor norte-americano, que é certamente a figura presente neste E-Book com a carreira mais multifacetada.

De certa forma, a tarefa de quantificar e/ou qualificar a obra de **Mike Patton** é um

esforço inglório. Primeiro, porque tínhamos de encher muitas páginas apenas para citar todos os projectos e colaborações que protagonizou. Depois, porque ao listarmos os géneros musicais em que já entrou teríamos de actualizar a lista de forma constante, sempre correndo o risco de não conseguirmos acompanhar o ritmo da sua vida artística. Embora seja mais conhecido como o vocalista de bandas de rock/metal como os Faith No More, Mr. Bungle, Tomahawk e Peeping Tom, na verdade essas são apenas ínfimas partes da personalidade musical daquela que é considerada uma das vozes mais versáteis de todos os tempos.

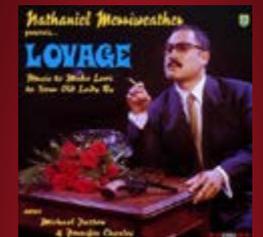
Verdadeiramente camaleónico, **Mike Patton** divide-se pelos géneros que mistura e recria quer a solo, quer nos vários projetos musicais em que está envolvido. A sua incrível extensão vocal e, sobretudo, a sua imaginação musical cruzada com as técnicas infundáveis que domina com mestria (falsettos, beatboxing, baladas, ópera e berros guturais são apenas algumas) valeu-lhe a alcunha de ‘Mr. 1000 Voices’. Músico por inteiro, **Mike**

Patton não se limita a cantar. Em 1999 foi um dos responsáveis pela fundação da editora Ipecac Recordings (onde lança novas bandas todos os anos) e há muito tempo que tem trabalhado em paralelo como produtor musical. Ao longo da sua carreira, cruzou-se com músicos de todos

os quadrantes, desde Björk a Norah Jones, passando pelos Sepultura, entre muitos (mesmo muitos) outros nomes.

Tudo começou na Califórnia, numa cidade do litoral chamada Eureka (EUA). Decorria o ano de 1984 quando um **Mike Patton** de apenas 16 anos se juntou a Trey Spruance e Trevor Dunn para formar os Mr. Bungle, a sua primeira banda. Alguns anos depois foi convidado para ser o vocalista do novo grupo de culto de São Francisco: os Faith No More. E apenas nessa altura o mundo conheceu **Mike Patton**, através do disco “The Real Thing” (1989), que com a sua mistura de rap e rock se tornou um sucesso comercial ao nível mundial. De desconhecido para poster boy, **Mike Patton** tinha apenas 20 anos quando enfrentou uma base de fãs enorme em digressões por todo o globo. Contudo, o êxito maior seria alcançado com “Angel Dust” (1992), o mítico álbum dos Faith No More, que ainda hoje é considerado um dos melhores discos da década de 90. Contudo, a banda acabou em 1998. E **Mike Patton** ficou livre para esculpir uma obra notável, enquanto se afastava dos holofotes da fama.

Seja como a voz de baladas trip-hop românticas (Lovage), canções italianas da velha guarda (Mondo Cane), temas clássicos de bandas-sonoras (Fantômas) ou a voz da força oculta no vídeo-jogo “The Darkness”, existem muitas canções e interpretações de **Mike Patton** para todos os que apreciam a arte deste extraordinário e prolífico cantor.





TODOS CONHECEM THOM YORKE, VOCALISTA DOS RADIOHEAD, PELA SUA VOZ INCONFUNDÍVEL E OLHO PARALISADO. NO ENTANTO, SABIA QUE O ARTISTA NASCEU COM ESTE PROBLEMA VISUAL E QUE ATÉ AOS 5 ANOS FOI OPERADO CINCO VEZES PARA A CORREÇÃO DO PROBLEMA? INFELIZMENTE, TODAS AS INTERVENÇÕES CIRÚRGICAS FRACASSARAM. A ÚLTIMA CHEGOU MESMO A CAUSAR MAIS COMPLICAÇÕES E A PÔR EM RISCO A VISÃO DE THOM YORKE.

Ainda assim, o artista nunca se deixou abater pela pequena deficiência. Era dos ouvidos e das cordas vocais de que realmente precisava para sentir a música e contribuir com a criação de um repertório iniciado quando tinha apenas 7 anos. Foi por volta dessa idade que recebeu a sua primeira guitarra e começou a tocar inspirado por Brian May, guitarrista dos Queen. Mais tarde, ao entrar na escola, fez novos amigos. Estava, então, longe de saber que Ed O'Brien, os irmãos Colin e Johnny Greenwood e Phil Selway se viriam a tornar em muito mais do que meros colegas: tornar-se-iam os membros da sua banda. O grupo chamava-se On a Friday, em homenagem ao único dia da semana em que conseguiam ensaiar no auditório da escola. Um ano após a sua formação, em 1986, estreavam-se em cima do palco num pub em Oxford, onde captaram a atenção de produtores musicais.

Thom Yorke acabou por entrar na Universidade de Exeter e por se distanciar fisicamente dos seus colegas. Mesmo assim, a banda continuou a compor novas músicas e a fazer um esforço para ensaiar. O número de concertos foi aumentando até que, eventualmente, a confiança de um produtor musical rendeu à banda o seu primeiro contrato. O grande sucesso chega em 1991, quando **Thom Yorke** e os On a Friday editam o primeiro single

na EMI. Assim que chega às rádios a música "Creep" torna-se um sucesso absoluto. Os On a Friday estão encaminhados para o sucesso e começam pouco depois a gravação do disco de estreia. O nome da banda, no entanto, muda para Radiohead por sugestão da editora.

A edição de "The Bends" (1995) deixava antever o nascimento de um novo mito na história da música, mas foi com o disco "OK Computer" (1997) que os Radiohead e **Thom Yorke** se elevaram ao estatuto de banda de culto com enorme sucesso comercial em todo o planeta. Com a passagem para o novo milénio, **Thom Yorke** e a sua voz emotiva e suave conquistam um lugar definitivo na história da música. Aclamados pela crítica, que em simultâneo com a legião de seguidores viu nos Radiohead a salvação do rock, a banda conquistou o respeito do meio musical e ultrapassou todas as expectativas com discos assinaláveis como "Kid A" (2000), "Amnesiac" (2001), "Hail to the Thief" (2003), "In Rainbows" (2007) e "The King of Limbs" (2011).

O seu tom alto, frequentemente tremido e quase no falseto, inspirou toda uma nova geração de artistas, como foi o caso dos Coldplay, Travis, Muse, entre uma série de outros. Mas **Thom Yorke** fica marcado na história da música pela originalidade e sensibilidade criativa única que revela em cada nova canção, assim como uma postura reservada, quase anti-estrela, que contrasta claramente com as principais figuras musicais do Século XXI.

Thom Yorke





Jeff Buckley



**ENTRE TODOS OS ARTISTAS REFERIDOS
NESTE E-BOOK, JEFF BUCKLEY SERÁ
CERTAMENTE O QUE TEM MENOS CANÇÕES
PARA SUSTENTAR A NOSSA ESCOLHA COMO
UMA DAS 25 VOZES QUE MUDARAM
A HISTÓRIA DA MÚSICA.**

No entanto, essa mesma opção implica que na nossa opinião, apesar de ter gravado pouco, o que **Jeff Buckley** deixou para trás é mais do que suficiente para ser considerado uma das melhores vozes de todos os tempos.

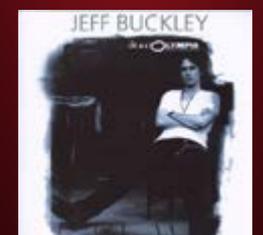
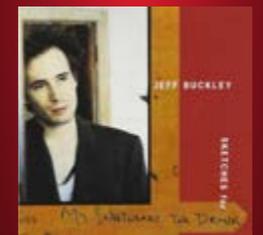
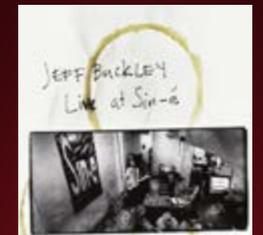
Importa por isso lembrar que **Jeff Buckley** teve uma carreira musical muito curta, que contou com o lançamento de um único álbum em vida, mas ainda assim também foi escolhido pela revista Rolling Stone como um dos melhores cantores de

sempre. Após uma morte prematura e inesperada, deixou para trás um legado musical que inspirou e continua a influenciar novas gerações. Mas não é por essa razão que **Jeff Buckley** é respeitado de forma unânime e idolatrado. Ele é considerado um dos expoentes máximos da arte de cantar porque a sua voz era extraordinariamente bonita, a sua entrega às canções era arrebatadora e intensa, além da sua musicalidade ser emocionante. Se nunca ouviu a versão da canção “Hallelujah” de Leonard Cohen pela voz de **Jeff Buckley** prepare um lenço de papel para limpar os olhos antes de meter a música a tocar. É simplesmente um dos registos mais impressionantes da arte contemporânea!

Natural do estado da Califórnia, **Jeff Buckley** nasceu em 1966 e era o único filho de Mary Guibert e Tim Buckley, também ele um famoso cantor dos anos 60 com obra reconhecida e apreciada. No entanto, o pai esteve sempre ausente e Jeff não assumiu o seu verdadeiro nome nos primeiros anos de vida. Tim Buckley tinha lançado uma série de álbuns de jazz e folk pela altura em que faleceu com uma overdose. Por esta altura, Scott Moorhead (com aproximadamente 10 anos de idade) decide que está na hora de adotar o verdadeiro nome e assume-se como Jeff Buckley, em homenagem ao pai e ao seu legado. A música corria nas veias da família. A mãe sabia tocar piano e

violoncelo, enquanto o pai era ele próprio uma referência musical da época, tendo uma discografia vasta e rica que foi herdada por Jeff Buckley. Todavia, foi o padrasto que o introduziu às suas maiores referências musicais, como os Led Zeppelin, Queen, Jimi Hendrix, The Who e Pink Floyd. Aos 4 anos, Jeff encontrou no guarda-roupa da avó a guitarra onde aprendeu a tocar. Não é difícil perceber de onde veio a motivação para seguir a vertente musical no futuro.

Na escola começou a tocar numa banda de jazz e a desenvolver um interesse especial pelo rock progressivo. Na ausência de melhores oportunidades, aceitou trabalhar num hotel, enquanto compunha novas músicas e procurava uma oportunidade que surgiu pouco depois. Em 1993, ao lado do baixista Mick Grøndahl e do baterista Matt Johnson, passou uma semana a gravar o histórico álbum “Grace”. Ao chegar ao mercado no ano seguinte, as vendas arrancaram lentas, mas 2 anos mais tarde o sucesso seria comprovado, chegando a alcançar disco de ouro em França, Austrália e EUA. Infelizmente, **Jeff Buckley** não assistiu ao sucesso universal da sua música. No dia 29 de Maio de 1997 morreu afogado no rio Mississippi, numa perda irreparável. Embora a maioria dos fãs e críticos musicais associe a morte do artista a drogas e álcool, a verdade é que o motivo da morte foi outro: a autópsia provou que o cantor estava na posse absoluta de todas as suas faculdades mentais. O que se passou então para **Jeff Buckley** entrar desta forma abrupta para a imortalidade?



QUEM SOMOS

“A música é barulho que pensa”

Victor Hugo

O **Mundo de Músicas** é um blog que apresenta uma visão panorâmica sobre o fenômeno musical em todas as suas vertentes. Produtores, músicos, fabricantes de instrumentos, managers, designers, roadies e técnicos de som: todas as personagens que compõe a indústria da música merecem o nosso olhar, pois conforme defendia o famoso Lester Bangs, uma banda (e a sua personalidade) nunca é composta somente pelos músicos que a integram, mas sim por toda e qualquer pessoa que rodeie os seus elementos.

O **Mundo de Músicas** integra uma rede de blogs criada pela Beat Digital. Por essa razão, a redação editorial é formada pela equipa da Beat Digital, que também produz o blog Estratégia Digital. É curioso que o slogan deste blog sobre música seja uma citação de um escritor, mas tal demonstra humildemente como encaramos a arte: um conjunto de movimentos cruzados entre quem faz e quem consome as obras que alimentam as nossas vidas.

Textos de opinião, dissertações, crónicas, reviews de álbuns, entrevistas e histórias de bastidores são apenas algumas das rubricas que apresentamos no **Mundo de Músicas**. Todos os textos neste blog exprimem a opinião do seu autor. Pura e simplesmente adoramos música e queremos partilhar a nossa visão sobre a arte mais consumida em todo o Mundo. Também falamos de lojas online, plataformas de streaming e cursos digitais que podem ajudar qualquer pessoa a encontrar aquilo que necessita através da Internet, fazendo dessa união o verdadeiro propósito deste blog: oferecer online e gratuitamente muita informação qualificada e apaixonada sobre música.



Siga-nos nas redes sociais



<http://mundodemusicas.com>

info@mundodemusicas.com